



“DEUS É BOM E O
SATAN É MAU”:
ENCONTROS E
CONSTRUÇÕES NA
FÉ JUDAICA

Nelson Lellis Ramos Rodrigues
Especialista em Ensino Religioso
pela Faculdade Unida de Vitória.

RESUMO

O presente artigo versará sobre a comparação entre o zoroastrismo e a fé judaica amparada a partir do século VI a.e.C., época do início do domínio Persa sobre Israel. Observaremos a mudança teológica do Deus causador de todo o bem e de todo o mal, para um Deus que faz o bem, contrastando com Satan, responsabilizado pelo mal.

Palavras-chave: Zoroastrismo; Judaísmo; Fé judaica.

“Antes de o indivíduo se propor a lutar contra a maldade no mundo exterior, ele precisa primeiro estabelecer a ordem em seu mundo interior.” (DHALLA, 1938, 52).

INTRODUÇÃO

O século XIX foi responsável pela virada hermenêutica em textos sagrados. Após o declínio do domínio religioso no meio das ciências e o grande interesse pelo universal, abriu-se espaço para o surgimento da comparação entre as religiões.

Ainda à guisa de introdução, precisamos sublinhar dois problemas para uma consulta futura e mais exaustiva: a) Israel, nos quesitos *religião, política e economia*, não pode ser tratado como um todo unificado. Fohrer destacará, inclusive, que os israelitas nem constituíam um grupo étnico homogêneo (FOHRER, 2012, 33). Em diversos momentos, é notada a presença de grupos internos contrários no que se refere à ideia da fé. Portanto, nosso interesse em informar sobre a influência persa na religião judaica, não poderá pretender a generalização; b) A cronologia dos acontecimentos. Ackroyd destacará a dificuldade em apresentar uma cronologia dos acontecimentos na época em que o governo persa assumiu o lugar da Babilônia (ACKROYD, 1970, 171). Herbert Donner acredita, por exemplo, que a saída da Babilônia não se deu da noite para o dia (neste caso, em 538 a.e.C.); fora apenas na década de 20 (séc. VI), sob o governo de Cambises ou Dario I (DONNER, 1997, 465; SOTELO, 2012, 11-14).

ISRAEL E SUAS MÚLTIPLAS RELAÇÕES

A fé de Israel é uma fé construída através de encontros. Sua teologia fora alterada/acrescida a cada manifestação de força contrária em seu caminho. Isso nos leva a entender que a Bíblia baseia-se numa experiência quase universal. Considerando que o Êxodo tenha existido, começa-se pelo contato com a fé egípcia, onde o dualismo já fazia parte do mito cultural: Osíris era como um deus bom, enquanto Seth-Typhon, um deus mal (SEGANFREDO & FRANCHINI, 2012, 53-68); é possível citar os sumérios com sua influência na construção literária da Torah (CORREA, 2014, 200), bem como Gilgamesh em oposição ao monstro Huwawa (SANDARS, 1992); com os cananeus, Baal (o deus da fertilidade) e Mot (deus do submundo e da morte) (FOHRER, 2012, 52-67); no exílio babilônico, Israel teve contato com a adoração de Marduk¹, o que vencera Tiamat (ENUMA ELIS, 1902). Mesmo que Israel tivesse ciência dos combates cósmicos existentes e todo o dualismo nas religiões circundantes, o Primeiro Testamento não apresenta nenhuma luta cósmica entre Javé e Satan. O inimigo é o outro. Israel não luta contra deuses, mas contra governos.

O inimigo não é só o outro, mas também *outro*: o próprio Javé (Lamentações 2.5) (KLEIN, 2012, 31-32). O livro de Lamentações (2.21) registrará: “Tu os mataste, no dia de tua ira, sem piedade os imolaste”. O autor de Lamentações “emprega seis termos diferentes (ʿap, ḥārôn, ḥāri, ḥēmâ, za ‘am, ‘ebrâ) cerca de dezoito vezes para expressar o caráter irado do julgamento de Deus” (KLEIN, 2012, 32). Javé é responsabilizado não pela causa e sim pelo mal enviado, pois o mesmo livro em questão denuncia o pecado humano em 3.39,42: “Por que se queixa o homem, que ele seja homem apesar de seus pecados?... Nós pecamos, fomos rebeldes e tu não nos perdoaste.”

¹ Marduk (ou Marduque) é chamado de Merodaque pelos hebreus (Is. 39.1; Jr. 50.2; 2Rs 25.27).

Javé é o pastor perverso (3.2). Ele é único e não há nada além dele. Luz e treva são obras de suas mãos. Vê-se que o aspecto destrutivo da personalidade de Deus será reconhecido posteriormente como Satan.

MONOTEÍSMO (?)

A fé judaica não deixa dúvidas quanto a unicidade de Javé. O critério da Obra Historiográfica Deuteronomística - OHD (por volta de 550 a.e.C.), por exemplo, está baseado em Deuteronômio 6.4: "Ouve, Israel, Javé nosso Deus é o único Deus". Suas três exigências são: *Um só Deus*, um só povo e um só lugar de culto (SCHWANTES, 2009, 30-31). A primeira exigência define: nada de ídolos. Deus é um só e responsabilizado tanto pelo bem como pelo mal. Não há lugar para um dualismo religioso. Todas as coisas provêm de um só Deus.

Jeffrey Burton Russel enfatiza que "na religião hebraica pré-exílio, o Senhor fez tudo que estava no céu e na terra, tanto o bem como o mal. O diabo não existe" (RUSSEL, 1977, 174). Caberia melhor investigação da figura do mal nos demais livros judaicos: embora a figura do *Adversário* esteja presente no Talmud e no Midrash, nenhum destes fazem menção de Satan como anjo caído. Até mesmo o *Zohar* (comentários místicos sobre a Torah; escritos, segundo a tradição ortodoxa, no século II d.e.C.), o "lado negro" é apresentado como um aspecto de Deus que no mundo é visto como resultado do pecado humano. O *Zohar* não ensina o dualismo, mas ensina que a luta entre o bem e o mal ocorre dentro do ser divino.

DUALISMO (?)

O Dêutero-Isaías (45.7) combaterá essa ideia, ainda na ambiência babilônica, ao afirmar: "Formo luz e crio escuridão, o que faz

paz e o que cria mal, eu, YHWH, o que faz tudo isso". Não poderia haver concorrência de poderes. Não obstante, Geza Vermes nos dirá que "a ideia de que os demônios eram responsáveis por todo o mal moral e físico penetrou profundamente no pensamento religioso judaico no período após o exílio babilônico, sem dúvida, como resultado da influência iraniana sobre o judaísmo" (VERMES, 1993, 61). Na Pérsia, *Ahura Mazda* é deus da luz (DHALLA, 1938, 30-35; 155-156) e *Angra Mainyu* é deus das trevas (DHALLA, 1938, 259-261). E como isso fora possível, visto que Israel rejeitava tal teologia dualista?

Em primeiro lugar, a visão dualista do cosmos em que um deus faz o bem, enquanto outro, o mal, não surgira com os persas e também foi um trabalho de elaboração teológica no zoroastrismo:

A concepção original *Gathas* da realidade do mal é mais enfatizada pelos teólogos do período avéstico tardio, e a personalidade do príncipe do mal se torna ao mesmo tempo mais pronunciada. O cerne mais difícil que confronta os sacerdotes zoroastristas, como faz todo teólogo, é como *Ahura Mazda*, o pai de bondade, pode ser feito responsável pela existência do mal no mundo. O profeta já ensinou a existência de um poder independente como o autor do mal. A ideia inerente a este ensino é agora, elaboradamente, trabalhado até que cada objeto que é marcado pelo homem como o mal seja atribuído à atuação do Espírito Maligno. A proibição é colocada sobre tudo no universo que se opõe ao reino de *Asha* da justiça, até o detalhe de criaturas nocivas e plantas venenosas. Eles pertencem à criação do mal (DHALLA, 1938, 257, grifo nosso).

Dhalla ainda informa:

O epíteto *Gatha Angra* é transformado em um nome próprio.² *Angra Mainyu* é o Demônio de Demônios (Vd19.1,43), que se infiltrou na criação do Bom Espírito (Yt13.77). Seu epíteto é "cheio de morte" (Y61.2; Yt3.13; 10.97; 13.71; 15,56; 17.19; 18,2; 24.43; Vd1.3; 19.1, 43, 44; 22,2; Aog.4.28.). (...) Ele é o pior mentiroso (Yt3.13). Ele é um tirano (Vd19.3), (...) e do conhecimento do mal (Aog.4), e de malignidade (Yt17.19; Vd11.10; 19,1,5,9,12,44), bem como inveteradamente

² Da mesma maneira que *Satan*.

perverso (Y27.1; Yt10.118; 13.71,78). Ele é o fazedor de obras más (Yt19.97) (DHALLA, 1938, 259, grifo nosso).

Em segundo lugar, Eliade esclarecerá que “a teologia de Zaratustra não é ‘dualista’ no sentido estrito do termo, uma vez que Aúra-Masda não é confrontado com um ‘antideus’” (ELIADE, 1978, 148). Seria mais aceitável, portanto, a ideia de um Deus criador de todas as coisas, mas, que, se exime da responsabilidade do Mal. Na sequência, Eliade dirá que: “... o Bem e o Mal, o santo e o demônio destruidor procedem de Aúra-Masda, mas como Angra Mainyu escolheu livremente o seu modo de ser e a sua vocação maléfica, o Senhor Sábio não pode ser considerado responsável pelo aparecimento do mal.” (ELIADE, 1978, 148).

Observamos, portanto, que na tradição persa a construção teológica do “fazedor do mal”, vem de: a) uma futura “personificação” do mal e; b) pela simples escolha de se querer fazer o mal.

DEUS É BOM, SATAN É MAU

Os judaítas estavam mesmo dispostos à compreensão de uma teologia reformulada. Um breve exemplo está na revisão do texto de 2 Samuel 24.1: “A ira de YHWH se acendeu contra Israel e incitou David contra eles: ‘Vai’, disse ele, ‘e faze o recenseamento de Israel e de Judá’” (Grifo nosso). Os líderes atualizam a teologia da história de Israel: “Permaneceu *Satan* contra Israel e instigou a David para enumerar a Israel” (1 Crônicas 21.1; grifo nosso).

Em três lugares na Bíblia aparece o nome *Satan*: Jó 1-2; Zacarias 3.1 e 1 Crônica 21.1. Apenas no último texto, *Satan* é empregado sem artigo, como nome próprio. “Para o cronista, o próprio Deus não pode

mais exercer essa função negativa; ela precisa ser deslocada para uma figura fora de Deus" (BAUER, 2000, 400).

A revisão da Obra Historiográfica Cronista - OHCr, responsável pelo texto acima, nos revela não somente uma mudança na leitura sobre o rei Davi (que passa a ser um fiel seguidor de YHWH) (SOTELO, 2010, 74); ela transparece a mudança de vetor teológico (de valor cúltico/litúrgico) quanto a questão da *personificação* do mal em Satan. Este aparece como alguém que possui instrumentalidade independente.

CONCLUSÃO

Tentamos aqui apontar, ainda que de maneira inicial, a transformação na teologia judaica pós-exílio no que tange à atribuição do “bem” e do “mal” a *lahweh* e a *Satan* – respectivamente – dada no contato, sobretudo, com a religião persa.

Os textos utilizados, como a releitura da OHCr, ainda são possibilidades para futuras pesquisas mais bem detalhadas. Mas o que vimos até aqui não pode ser descartado, mediante a importância da religião de Zaratustra como aquela que influenciou a maior parte da fé judaica e, conseqüentemente, cristã. Isto posto, é-nos possível verificar como as catástrofes da vida (como a destruição da cidade santa e o exílio) têm o poder de transformar até mesmo a fé de um povo escolhido. A fé é certeza até que o bem e o mal sejam resolvidos e/ou bem definidos dentro de nós para que assim, sejam definidos nos céus.

REFERÊNCIAS

- ACKROYD, Peter R. *Israel under Babylon and Persia*. Oxford University Press, Walton Street, Oxford ox2 6dp, 1970.
- ARMSTRONG, Karen. *Uma História de Deus*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- BAUER - *Dicionário Bíblico-Teológico*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 400.
- BERGANT, Dianne & KARRIS, Robert J. (Orgs). *Comentário Bíblico*. Trad. Bárbara Theoto Lambert. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia – Tradução Ecumênica (TEB). São Paulo: Loyola, 1994.
- BOYCE, Mary. *Zoroastrians – Their Religious Beliefs and Practices*. Routledge & Kegan Paul, London, Boston and Henley, 1979.
- CORREA, Maria Isabelle Palma Gomes. *Mitos Cosmogônicos: Suméria e Babilônia*. Disponível no sítio eletrônico: http://www.galeon.com/projetochronos/chronosantiga/isabelle/Sum_indx.html. Acesso em: 10 junho de 2014.
- CRÜSEMANN, Frank. *A Torá - Teologia e História Social da Lei do Antigo Testamento*. Trad. Haroldo Reimer. Petrópolis: Vozes, 2002.
- DHALLA, Maneckji Nusservanji. *History of Zoroastrianism*. New York, Oxford University Press, London Toronto, 1938.
- DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Vol. 2. Da época da divisão do reino até Alexandre Magno. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- DUNCAN, Heaster. *The Real Devil – A Biblical Exploration*. Carelinks Publishing, P.O. Box 3034, South Croydon, Surrey CR2 Oza, 2009.
- El Libro de Enoc. In: http://www.bibliotecapleyades.net/esp_enoch.htm
- ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas*. Tomo I: Da Idade das Pedras aos Mistérios de Elêusis. Vol. 1: Das Origens ao Judaísmo. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- _____. *História das crenças e das ideias religiosas*. Tomo I: Da Idade das Pedras aos Mistérios de Elêusis. Vol. 2: Dos Vedas a Dionísio. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- Enuma Elish – o épico da criação. Trad. L.W. King. Londres, 1902. Tábuas 4. Disponível em: <http://www.setecove.com.br/upload/apostila/ehji4l4e2icENUMA%20ELISH%20em%20Portugu%C3%AAs.pdf>. Acesso em 10 de junho de 2014.
- FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. Trad. José da Silva Brandão. Campinas: Papirus, 1989.
- FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. Trad. Josué Xavier. Santo André: Academia Cristã/Paulus, 2012.

- FOHRER, G.; SELLIN, E. *Introdução ao Antigo Testamento*. Trad. Mateus Rocha. Santo André: Academia Cristã/Paulus, 2012.
- GOTTWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. Trad. Pe. Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1988.
- GRAVES, Kersey. *Biografy of Satan – A Historical Exposition of the Devil and His Fiery Dominions*. Old Chelsea Station: New York, 2007.
- GUNNEWEG, Antonius H.J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento*. Uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica. Trad. Werner Fuchs. São Paulo: Teológica; Loyola, 2005. – (Série biblioteca de estudos do Antigo Testamento)
- KELLY, Henry Ansgar. *Satã, uma Biografia*. Trad. Renato Rezende. São Paulo: Globo, 2008.
- KING, Leonard W. *Enuma Elish (2 volumes in one): The Seven Tablets of Creation; The Babylonian and Assyrian Legends Concerning the Creation of the World and of Mankind*. New York, Cosimo Classics, 2010.
- KLEIN, Ralph W. *Israel no Exílio – uma interpretação teológica*. Trad. Edwino Royer. Santo André-SP: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2012 (Coleção temas bíblicos).
- LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia*. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Paulus/ Loyola, 2008.
- MARROCHI, Mario. *Os jubileus – origens e perspectivas*. São Paulo: EPS/ Santuário, 1999.
- PAGELS, Elaine. *As Origens de Satanás: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna*. Trad. Ruy Jungmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- REIMER, Haroldo. “A Tradição de Isaías”. *Estudos Bíblicos*, v. 89, Petrópolis, 2006, p. 9-18.
- RENDTORFF, Rolf. *A “Fórmula da Aliança”*. São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. *A Formação do Antigo Testamento*. Trad. Bertholdo Weber. 5ª ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 1998.
- RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (Orgs). *Antigo Testamento – história, escritura e teologia*. São Paulo: Ed. Loyola, 2010.
- RUSSEL, Jeffrey Burton. *The Devil*. Ithaca: Cornell University Press, 1977.
- SANDERS, N.K. *A Epopeia de Gilgamesh*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- SAYÃO, Luiz. *O Problema do Mal no Antigo Testamento. O caso de Habacuque*. São Paulo: Hagnos, 2012.

- SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 4. ed. Trad. Annemarie Höhn. São Leopoldo: Sinodal, 1994.
- SCWANTES, Milton. *Sufrimento e Esperança no Exílio*. História e teologia do povo de Deus no século VI a.C. 3. ed. São Leopoldo: Oikos, 2009.
- SEGANFREDO, Carmen; FRANCHINI, A.S. *As melhores histórias da mitologia egípcia*. Porto Alegre-RS: L&PM, 2012.
- SIN, Sorgalim. *El Libro de Los Secretos de Enoc II*. Outskirts Press, 2008.
- SOTELO, Daniel Martins. *A origem da monarquia e dos reis em Israel*. Coleção História de Israel, vol. 2. São Paulo: Fonte, 2012.
- _____. *A Torah e a obra historiográfica deuteronômista: as revisões sob a influência persa no contexto sócio-histórico do pós-exílio*. 2010. 226 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Filosofia e Teologia. 2010.
- _____. *O Exílio*. Coleção História de Israel, vol. 3. São Paulo: Fonte, 2012.
- _____. *O Pós-Exílio*. Coleção História de Israel, vol. 3. São Paulo: Fonte, 2012.
- VERMES, Geza. *Jesus, o Judeu*. London: SCM, 1993.
- WESTERMANN, Claus. *Fundamentos da Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Frederico Dattler. Santo André-SP: Academia Cristã, 2011.

Nelson Lellis Ramos Rodrigues

*Especialização em Ensino Religioso (UNIDA),
Graduação em Teologia (UNIDA).*

COMO CITAR ESTE ARTIGO

RODRIGUES, Nelson Lellis Ramos. "Deus é bom e o Satan é mau": encontros e construções na fé judaica". *Unitas – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões* [online]. Vitória-ES, vol. 1, jan.-jun., 2014, p. 111-120. Disponível em:
< <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas>>.